

Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações

Dissonância do endogrupo e balanceamento cognitivo – implicações disposicionais e grupais em processos de busca por consistência

Mestrado

Raquel Raíssa de Sousa Silva

Brasília

2016

Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações

Dissonância do endogrupo e balanceamento cognitivo – implicações disposicionais e grupais em processos de busca por consistência

Mestrado

Raquel Raíssa de Sousa Silva

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Pilati

Brasília

2016

BANCA EXAMINADORA:

Dr. Ronaldo Pilati

Universidade de Brasília

(Presidente)

Mathieu Turgeon, Ph.D

IPOL - Universidade de Brasília

(Membro)

Raquel Hoersting, Ph.D

Universidade de Brasília

(Membro)

Dr. Alexandre Magno Dias Silvino

FACITEC

(Membro suplente)

Agradecimentos

Agradeço à minha família, mãe, irmãos, minha avó, tia Fátima e primos, por todo amor, paciência e incentivo. Nada faria sentido sem vocês. Aos meus colegas de laboratório pelo apoio emocional e ajuda com tantas coisas quantas eu precisasse. À Nayanne Meneses pela ajuda solícita a tudo que lhe era demandado por mim. Aos colegas e amigos, Victor Keller, João Gabriel Modesto, Mauricio Sarmet, Gabriela Campelo, Renan Saraiva, Vithor Franco, André Rabelo e Lucas Caldas por todo apoio emocional, intelectual, técnico... Não sei se um dia poderei demonstrar com precisão a importância de cada um. Obrigada!

Agradeço também a meu orientador, Prof. Dr. Ronaldo Pilati, com o qual, desde o primeiro contato como professor da disciplina Psicologia Social I, que cursei em 2010, pude aprender sobre competência, profissionalismo, dedicação, esmero... Agradeço pelos ensinamentos, pela paciência e pelo exemplo de integridade.

**“Eu não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermédio:
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o outro.”**

Mário de Sá-Carneiro, em ‘Indícios de Ouro’

Sumário

Resumo.....	VII
Abstract.....	VIII
Introdução.....	1
Consistência Cognitiva – Teorias e Implicações.....	1
Teoria da dissonância cognitiva e processos grupais.....	3
Balanceamento cognitivo e cognição social implícita.....	5
Autoestima explícita e implícita.....	6
Autoestima e ambivalência cognitiva: Implicações na manutenção da consistência cognitiva.....	7
Método.....	9
Resultados.....	12
Discussão.....	17
Referências.....	21
Apêndice A.....	25
Apêndice B.....	26
Apêndice C.....	27
Apêndice D.....	28
Apêndice E.....	29
Apêndice F.....	30
Apêndice G.....	31

Resumo

Teorias clássicas sobre consistência cognitiva recentemente têm sido exploradas enquanto processos não apenas intraindividuais, mas influenciados por aspectos grupais. Tendo em vista a tendência humana ao enaltecimento pessoal e grupal e a teoria unificada de cognição social implícita, informações negativas a respeito do endogrupo tem potencial de gerar inconsistência por meio da dissonância cognitiva e de desbalanceamento. Para testar as funções protetivas da consistência cognitiva frente a ameaças à avaliação positiva do endogrupo, 156 participantes passaram por pré e pós-teste de autoestima e por manipulação experimental de ameaça, à manutenção da avaliação positiva do endogrupo, ou neutra. Não houve diferença significativa na autoestima dos participantes, nem no estado afetivo. Nos grupos experimentais, embora apontassem os comportamentos como negativos, muitos alegaram ser esperteza e *jeitinho brasileiro*. Pesquisas sobre dissonância apontam que quando o objeto utilizado para instaurar inconsistência cognitiva é uma norma cultural, os efeitos da dissonância e a possibilidade de mudança de atitude são minimizados. Resultados são discutidos.

Palavras-chave: consistência cognitiva, dissonância cognitiva, autoestima implícita.

Abstract

Classical theories of cognitive consistency have recently been explored not only as an intra-individual process but also influenced by group aspects. Given the human tendency to self and group-enhancement, and the unified theory of implicit social cognition, negative information about the ingroup has the potential to generate inconsistency by cognitive dissonance and unbalance. To test the protective functions of cognitive consistency against threats to the positive evaluation of the ingroup, 156 participants were submitted to a pre and post-test of self-esteem and experimental manipulation of threat or neutral condition. There was no significance difference on participants self-esteem, nor on the affective state. In the experimental groups, although participants pointed behaviors as negative, many claimed to be smartness and *jeitinho brasileiro*. Research on dissonance point out that when the counter attitudinal object is a cultural norm, the effects of dissonance, and the possibility of attitude change are minimized. Results are discussed.

Keywords: cognitive consistency, cognitive dissonance, implicit self-esteem.

E se ao ligar a televisão em um noticiário, ou acompanhando um jornal virtual, ou folheando um jornal impresso, você se depara com o resultado de uma pesquisa na qual são atribuídas características negativas a um grupo do qual você faz parte? Isso poderia afetar sua avaliação de si mesmo? E sua relação com o grupo?

De acordo com a teoria da identidade social (Tajfel, 1978) o pertencimento ao grupo é a dimensão mais relevante da visão de si e as pessoas tendem a avaliar positivamente os grupos dos quais faz parte. Informações negativas sobre grupo do qual se é membro, como no cenário proposto no início desta introdução, são, portanto, inconsistentes com a manutenção de avaliação positiva do endogrupo. Acontece que o homem não lida bem com inconsistências. Teorias clássicas sobre consistência cognitiva, como a teoria da dissonância cognitiva (Festinger, 1957) e a teoria do balanceamento (Heider, 1958), possuem como pressuposto fundamental que inconsistências entre cognições são desagradáveis, instáveis e tendem ao equilíbrio (Fiske & Taylor, 2013).

Neste trabalho são exploradas as possibilidades de resolução de inconsistências, tendo como objetivo geral testar o efeito de informações negativas, sobre grupo ao qual se é afiliado, sobre construto pessoal (autoestima) e grupal (identificação com o grupo).

Consistência Cognitiva – Teorias e Implicações

Processamento de informação é o termo utilizado para se referir a como a mente lida com a informação encontrada no mundo social (Maio & Haddock, 2010). A tendência humana de manter a consistência cognitiva é tida como princípio básico do pensamento humano exercendo papel fundamental na forma como as informações sociais são processadas (Gawronski & Strack, 2012). Essa tendência é atualmente compreendida como sendo

associada a processos cognitivos e motivacionais (Baumeister, 2010) e se relaciona a processos de defesa do *self* (Greenwald e Ronis, 1978), como é explorado a seguir.

A teoria da dissonância cognitiva prevê que a dissonância é experienciada quando se entra em contato com informações inconsistentes com crenças e atitudes prévias. Ela cria uma ameaça para o senso de si, que precisa ser reduzida para manutenção da integridade pessoal (Gawronski & Strack, 2012) e caracteriza-se por ser negativa, desconfortável e fisiologicamente excitatória (Cooper, 2007). É importante identificar os processos relacionados à resolução dessas inconsistências tendo em vista a constante exposição a novas informações (Boucher, 2011). A resolução de inconsistências pode se dar pela mudança de atitude (Fiske & Taylor, 2013), mas quando mudar de atitude pode ser uma ameaça à visão de si, outros processos de resolução podem ocorrer como: (1) a distorção de informações que sejam conflitantes com a manutenção de uma auto avaliação positiva (Cooper, 2007b); e (2) o engajamento em estratégias de enaltecimento pessoal e do endogrupo, em decorrência da motivação de proteção da integridade, quando em situações de comparação social (Vignoles, Regalia, Manzi, Golledge & Scabini, 2006).

Outra teoria sobre consistência cognitiva é a teoria do balanceamento que, assim como a teoria da dissonância cognitiva, postula sobre a seletividade da apreensão de informações com objetivo de autoproteção e manutenção da consistência cognitiva (Fiske & Taylor, 2013). Ela se difere da teoria da dissonância cognitiva, pois se baseia no relacionamento entre pessoas apontando a formação de estruturas cognitivas que envolvem o indivíduo e outros, tendo implicações não apenas no armazenamento, mas na recuperação de memórias (Fiske & Taylor, 2013).

Tendo em vista o caráter defensivo da tendência à manutenção da consistência cognitiva, para evitação de sentimentos aversivos e manutenção da integridade pessoal (Cooper, 2007), é objetivo deste trabalho identificar o funcionamento de processos associados

à resolução de inconsistências levando em consideração a relação entre a identificação com o grupo e a visão de si.

Teoria da dissonância cognitiva e processos grupais

O autoconceito consiste nas associações entre o conceito de si e outros conceitos (Schnabel & Asendorpf, 2010) sendo, portanto, construído socialmente. A teoria da identidade social (Tajfel, 1978) aponta que o autoconceito deriva das percepções de si (identidade pessoal) e o pertencimento a grupos (identidade social), podendo a filiação a grupos ser resultado de escolhas, como a escolha por determinada instituição de ensino, ou involuntária, como nascer em determinada sociedade. Uma vez que tanto a identidade pessoal quanto a social são constituintes do autoconceito não é surpresa que questões relacionadas a grupos, dos quais se é membro, possam eliciar dissonância (Glasford, Dovidio, & Pratto, 2009). Comumente ao pensar em dissonância costuma-se imaginar um contexto em que alguém age de forma contraditória a suas crenças pessoais. Essa é uma descrição intrapessoal da dissonância cognitiva que condiz com a forma como a dissonância tem sido conceitualizada em muitas pesquisas (McKimmie, 2015).

Dissonância cognitiva, da forma concebida por Festinger (1957), possui componente social substancial que não recebeu atenção até recentemente (McKimmie, 2015), ao contrário da teoria do balanceamento que, como mencionado anteriormente, sempre foi explorada com foco no relacionamento indissociável do indivíduo e dos outros para a integridade pessoal. Como muitos fenômenos sociais diferentes, e às vezes conflitantes, se relacionam à eliciação e redução da dissonância, o aumento da compreensão a respeito das relações sistemáticas entre os vários processos sociais e a dissonância podem gerar predições até então negligenciadas (McKimmie, 2015).

Clémence (1994) aponta que há dois níveis de conflito eliciado pelo comportamento contra atitudinal – procedimento experimental mais utilizado para criar a inconsistência que provoca a dissonância cognitiva (Cooper, 2007c) –, nível intraindividual e nível intergrupar. Este último cria motivação para proteger a identidade social e limita a habilidade de redução da dissonância pela mudança de atitude. Levando em consideração a teoria da identidade social, a concatenação da identidade pessoal e social na constituição do autoconceito, como central nos processos de dissonância, Glasford, Pratto e Dovidio (2008) fizeram dois experimentos e encontraram que pessoas que possuíam uma crença pessoal importante violada pelo comportamento do grupo reduziam a dissonância diminuindo a identificação com o grupo ou engajando em ativismo em favor dessa crença. Assim, a possibilidade de diminuição da identificação com o grupo existe, quando uma crença pessoal muito importante é violada pelo grupo. Quando este não é o caso, eles encontraram que a resolução da inconsistência, quando gerada por dissonância direcionada à identidade social, é resolvida com estratégias de enaltecimento da identidade social, quão maior for a identificação com o grupo.

Assim, tendo em vista que a variável independente deste trabalho é a informação negativa sobre grupo do qual o participante é membro, inconsistente com a tendência a avaliar positivamente o endogrupo (Tajfel, 1978), e o procedimento utilizado foi o paradigma da condescendência induzida – redação, pelo participante, de texto corroborando informações negativas sobre o grupo, em situação de comparação social – não é esperada mudança de atitude do participante em relação ao grupo, já que a identidade social tende a ser protegida (Clémence, 1994). Assim, espera-se observar a resolução da inconsistência gerada pela dissonância através de enaltecimento e/ou distorção de informações. A seguir, é apontado como o processamento automático pode influenciar as questões exploradas até aqui.

Balanceamento cognitivo e cognição social implícita

Bargh introduziu em 1982 o conceito de automaticidade (Calrston, 2010) apontando que as pessoas se engajam tanto em processos controlados quanto em automáticos. Os processos, quanto mais automáticos, apresentam mais das características apontadas a seguir e, quanto mais controlados, menos: são iniciados sem intenção, ocorrem fora da atenção consciente, são difíceis de controlar e utilizam pouco da capacidade mental (Bargh, 1994).

As pessoas não escolhem conscientemente entre processos automáticos e controlados. Processos automáticos influenciam motivações que desencadeiam cognições e comportamentos (Fiske & Taylor, 2013b). Esta compreensão implicou em desdobramentos metodológicos, com a criação de instrumentos indiretos de mensuração de atitude, e teóricos, com novos desdobramentos a respeito da consistência cognitiva (Petty, Briñol & Johnson, 2012), como a teoria unificada de cognição social implícita proposta por Greenwald, Rudman, Farnham, Nosek e Mellott (2002) na qual a teoria do balanceamento cognitivo foi revisitada à luz das teorias sobre cognições automáticas. Os principais elementos dessa teoria são a autoestima, a identificação com o grupo e a avaliação do grupo. A teoria postula que a avaliação do grupo é função da identificação com o grupo e da atitude em relação a si – autoestima. Assim, quanto maior a autoestima e a identificação com o grupo, por consequência, maior a avaliação positiva em relação ao grupo, sendo, portanto, uma teoria que assume a relação próxima da autoestima e da identificação com o endogrupo para a manutenção da consistência cognitiva. Ameaças à manutenção da valência positiva de um desses elementos, de acordo com os pressupostos da teoria do balanceamento cognitivo (Heider, 1958), resulta em implicações nos demais elementos da estrutura cognitiva de balanceamento que os envolve.

A seguir é explorado como o advento do conhecimento sobre processamento automático impactou o conhecimento acerca da autoestima e, em seguida, os desdobramentos teóricos para a compreensão de processos relacionados à manutenção da consistência cognitiva.

Autoestima explícita e implícita

A autoestima, uma atitude do *self*, é o aspecto avaliativo do autoconceito, refletindo o quanto as pessoas gostam de si (Zeigler-Hill & Jordan, 2010) e está amarrada à identificação com o grupo (Stets & Burke, 2013). As pessoas processam as informações sociais não apenas explicitamente, mas também de forma implícita (Bargh, 1994), com o *self* funcionando diferentemente nesses dois modos de processamento (Greenwald & Farnham, 2000). A autoestima explícita se refere a avaliações conscientes e deliberadamente fundamentadas, enquanto a autoestima implícita é definida como avaliações altamente eficientes que ocorrem de forma não intencional e fora da atenção consciente (Jordan, Spencer, Zanna, Hoshino-Browne, & Correll, 2003).

Uma das prerrogativas menos contestadas em psicologia social é a de que as pessoas são geralmente motivadas a proteger e aumentar sua autoestima (Vignoles et al., 2006). Rudman, Dohn e Fairchild (2007) apontam que a autoestima parece uma óbvia candidata a participar em processos automáticos de defesa dado o que se sabe sobre seu funcionamento contra ameaças ao autoconceito. Eles demonstraram, em quatro experimentos, que a compensação da autoestima implícita é um processo de defesa do *self* em resposta a ameaças, que ocorre espontaneamente e sem esforço, e funciona como um regulador de afeto.

Espera-se identificar neste trabalho a compensação da autoestima implícita como processo de defesa de enaltecimento frente a ameaça à avaliação positiva do endogrupo, tendo

em vista a estrutura cognitiva de balanceamento que envolve a autoestima, a identificação com o grupo e avaliação do grupo (Greenwald, et al., 2002).

Autoestima e ambivalência cognitiva: Implicações na manutenção da consistência cognitiva

Quando avaliações implícitas e explícitas em relação a algo diferem experienciam-se a ambivalência implícita (Petty, Briñol & Johnson, 2012). Enquanto o princípio de balanceamento parece operar em um nível primário do pensamento, a ambivalência implícita está relacionada a processos secundários, metacognitivos. Isso porque quando uma pessoa nega uma reação avaliativa ou considera que se refere a outra fonte (que não à sua visão pessoal) ela não a utiliza em auto-relatos deliberados, mas esta avaliação ainda pode afetar processos automáticos. Então, a medida explícita acessa apenas a associação endossada pela pessoa, enquanto a indireta pode identificar avaliações existentes, que a pessoa não endossa conscientemente (Petty, Briñol & Johnson, 2012).

Jordan et al. (2003) apontam para a existência de dois tipos de alta autoestima. Uma chamada de alta autoestima segura, bem fundamentada, e a outra, chamada de alta autoestima defensiva, que teria características frágeis e suscetíveis a ameaças. Esta última seria decorrente da manutenção simultânea de duas atitudes discrepantes em relação ao self: sentir-se bem, em um nível consciente e explícito, e relativamente mal, em um nível implícito. Os autores obtiveram resultados que indicam que as pessoas com alta autoestima defensiva tendem a engajar-se em estratégias de autoenaltecimento por meio de viés em relação ao endogrupo, e a apresentar mais justificações para suas respostas, que as pessoas que possuem alta autoestima segura (explícita e implícita, altas). A autoestima defensiva é ainda associada à maior tendência à distorção de informações nocivas ao *self* (Kernis, Lakey & Heppner, 2008) e maior desconforto frente a ameaças (Jordan, Logel, Spencer, Zanna & Whitfield,

2008). Sendo a alta autoestima defensiva um exemplo de ambivalência implícita (Petty, Briñol & Johnson, 2012) é importante levar isso em consideração em pesquisas que exploram processos de defesa frente a inconsistências, tendo em vista as características de defensividade apontadas.

O objetivo deste trabalho é testar o efeito de ameaça à avaliação positiva do grupo na autoestima e na identificação com o grupo. As hipóteses são:

H1: Os participantes expostos a texto contendo ameaça à avaliação positiva do grupo irão distorcer as informações, avaliando-as como menos negativas do que são.

H2: Os participantes expostos a texto contendo ameaça à avaliação positiva do grupo apresentarão maiores escores de afetos negativos.

H2a: Dentre os participantes expostos ao texto negativo, os com alta autoestima defensiva apresentarão escores maiores de afetos negativos.

H3: Os participantes expostos ao texto contendo ameaça apresentarão escores de autoestima implícita no pós-teste maiores que os do pré-teste (compensação da autoestima implícita).

H3a: Dentre os participantes expostos ao texto negativo, participantes com alta autoestima defensiva apresentarão maior compensação da autoestima implícita.

H4: Se o conteúdo do texto contendo ameaça à manutenção da avaliação positiva do grupo versar sobre conteúdos contrários a crenças pessoais muito importantes dos participantes, será possível identificar escores menores de identificação dos participantes cuja mensuração deste construto seja feita após a exposição ao texto que dos participantes cuja mensuração da identificação seja realizada antes da exposição ao texto.

Método

Participantes

Participaram do estudo 156 estudantes universitários, mas 18 foram retirados por terem redigido resposta contrária às instruções. Dos 138 restantes, 75,4% eram mulheres. A idade dos participantes variou de 17 a 35 anos ($M = 20,21$, $DP = 2,547$).

Instrumentos

Escala de autoestima de Rosenberg: Foi utilizada a escala de Rosenberg (1965) para avaliar a autoestima global. Este instrumento transformou-se, ao longo de mais de quatro décadas, numa referência, sendo a escala de avaliação da autoestima global mais utilizada na investigação psicológica (Zeigler-Hill & Jordan, 2010). Dez itens (ver Apêndice A) a serem classificados pelo participante em escala de resposta de quatro pontos (α pré-teste = 0,86; α pós-teste = 0,87).

Teste de Associação Implícita (Greenwald & Farnham, 2000): para mensuração da autoestima implícita – α pré-teste = 0,73; α pós-teste = 0,67 – (ver Apêndice B). Foram utilizados os estímulos para as categorias alvo – eu e não eu – propostos por Modesto (2014). Os estímulos utilizados para os atributos, positivo e negativo, foram escolhidos a partir de lista de palavras classificadas em função de normas de valência para a língua portuguesa (Oliveira, Janczura, & Castilho, 2013).

Escala de identificação com o grupo: tradução adaptada de Leach et al. (2008). Catorze itens (ver Apêndice C), unidimensionais, a serem classificados pelo participante em uma escala de sete pontos, que podem ser adaptados para utilização em investigação de identificação com qualquer grupo (e. g., *Eu tenho muito em comum com um típico*

_____). Nesta pesquisa, os grupos escolhidos foram brasileiros ($\alpha = 0,91$) e estudantes universitários ($\alpha = 0,79$).

Escala de estado afetivo: Para checagem da dissonância cognitiva. Tradução adaptada de Norton, Monin, Cooper e Hogg (2003). Doze itens (ver Apêndice D) a serem classificados pelo participante em escala de sete pontos, contemplando afeto pessoal positivo ($\alpha = 0,83$), desconforto psicológico global ($\alpha = 0,62$) e afeto negativo auto direcionado ($\alpha = 0,92$).

Procedimento

Aos participantes, era apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com informações relativas à duração média da pesquisa, ao laboratório ao qual estava vinculada, ao objetivo, à informação sobre o sigilo da participação e destino dos dados obtidos, à indicação da necessidade de ler as instruções de cada etapa com atenção, ao caráter voluntário da participação e à possibilidade de desistência a qualquer momento. A pesquisa foi conduzida individualmente, no computador, por meio do *software Inquisit* versão 4.0.

O delineamento experimental consistia em três grupos: dois experimentais e o grupo controle. Em todos os grupos, os participantes passavam por pré e pós teste de mensuração de autoestima implícita e explícita. Nos dois grupos experimentais, a manipulação consistia em os participantes lerem uma notícia fictícia e negativa sobre grupo do qual eles fazem parte (brasileiros – ver Apêndice E – ou estudantes universitários – ver Apêndice F) e eram convidados a elencar características do grupo que levaram à sua protagonização na notícia, além de escrever um parágrafo curto direcionado a pessoas de outros grupos, alertando sobre as características negativas do grupo (ver Apêndice E e F). Depois, avaliavam a notícia (em negativa, neutra ou positiva – para aferição da valência atribuída à informação) e respondiam a um instrumento para mensuração de estado afetivo (PANAS). Também responderam a uma

escala de identificação com o grupo, com apresentação aleatorizada, antes ou depois da manipulação experimental. No grupo controle, os participantes liam uma notícia sobre a descoberta de uma nova espécie de peixe (ver Apêndice G), avaliavam a notícia – como negativa, neutra ou positiva – e respondiam ao instrumento de mensuração de estado afetivo. Todos os participantes, ao fim, respondiam aos itens sociodemográficos. Por fim foi realizado o esclarecimento e o agradecimento pela participação.

Para analisar a associação entre autoestima implícita e explícita a amostra foi dividida em três grupos, equivalentes a aproximadamente 33% dos respondentes, cada. Dessa forma, 18 participantes foram categorizados como possuindo alta autoestima segura (autoestima explícita e implícita altas) quando seus escores nas duas medidas estavam no intervalo referente a pontuações mais altas, 14 como possuindo alta autoestima defensiva (autoestima explícita alta e implícita baixa) quando seu escore da medida explícita estava no intervalo referente a pontuações mais altas e da medida indireta no intervalo referente a pontuações mais baixas, e 18 com autoestima moderada congruente quando apresentava os escores nas duas medidas de autoestima no intervalo referente a pontuações medianas. A minoria estava no grupo controle (1 participante com autoestima insegura, 6 segura e 6 moderada congruente). A quantidade de participantes em cada categoria de autoestima, nos grupos experimentais, foi equilibrada (13 participantes com autoestima insegura, 12 segura e 12 moderada congruente). Os demais participantes apresentaram então, associações entre a autoestima implícita e explícita sem efeitos, apontados na literatura, como diferenciadores frente a resolução de inconsistências.

Resultados

Para cálculo do escore D – resultado do Teste de Associação implícita (ver Greenwald et al., 2003) foram excluídos os *trials* com latência de resposta menor que 400ms e maior que 10000ms, conforme recomendações da área (Greenwald et al., 2003). Para possibilitar comparações entre o Teste de Associação Implícita e a Escala de Rosenberg os escores, das duas medidas, foram padronizados para uma escala variando de 0 a 4. As duas medidas apresentaram correlação positiva, mas não significativa no pré-teste ($r = 0,104$, $p = 0,225$) e no pós teste ($r = 0,079$, $p = 0,354$).

A notícia foi mais positivamente avaliada pelos participantes do grupo controle ($M = 2,39$, $DP = 0,60$) que pelos do grupo experimental brasileiros ($M = 1,42$, $DP = 0,65$) e estudantes ($M = 1,21$, $DP = 0,47$). Essa diferença foi significativa, $F(2, 135) = 55,179$, $p < 0,001$, $w^2 = 0,44$. A avaliação feita pelos participantes do grupo controle ficou então, em média, entre neutra e positiva, e dos grupos experimentais, entre negativa e neutra. Foi realizado teste *post-hoc* Bonferroni que identificou que a diferença na avaliação entre o grupo experimental brasileiros e estudantes não foi significativa ($p = 0,30$). Não foi, então, identificada distorção da valência das informações negativas. Como apontado na introdução, a informação negativa sobre grupo do qual se é membro gera, por si, inconsistência cognitiva já que é uma ameaça à tendência humana de avaliar positivamente os grupos dos quais faz parte (Tajfel, 1978). A distorção de informação negativa (H1) enquanto processo de defesa para manutenção da consistência cognitiva (Cooper, 2007b), não foi identificada.

O estado afetivo não foi significativamente diferente a depender da condição experimental, $V = 0,07$, $F(6, 268) = 1,75$, $p = 0,10$, $\eta^2_p = 0,038$. Este resultado indica que a informação negativa, ameaça à manutenção da avaliação positiva do grupo, mesmo não tendo sido distorcida pelos participantes, não teve implicação significativa no estado afetivo como

hipotetizado (H2). Como apresentado na Tabela 1, na dimensão afeto pessoal positivo, a maior média foi encontrada no grupo experimental brasileiros, seguido pelo grupo controle, e experimental estudantes. Na dimensão desconforto psicológico global, a maior média foi encontrada no grupo experimental estudantes, seguido pelo grupo experimental brasileiros, e controle. Na dimensão afeto negativo autodirecionado, a maior média foi encontrada no grupo controle, seguida pelo grupo experimental brasileiros, e experimental estudantes.

Tabela 1. Média de estado afetivo, nas três dimensões, a depender do grupo.

	Brasileiros	Estudantes	Controle
Dimensão estado afetivo	M (DP)/95% IC	M (DP)/95% IC	M (DP)/95% IC
Afeto pessoal positivo	23,67 (6,32)/[22; 25,33]	23,02 (4,60)/[21,3; 24,75]	23,33 (5,79)/[21,77; 24,9]
Desconforto psicológico global	10,24 (3,72)/[9,13; 11,36]	11 (3,51)/[9,84; 12,16]	9,76 (4,05)/[8,71; 10,81]
Afeto negativo autodirecionado	12,38 (5,94)/[10,52; 14,24]	12,02 (6,55)/[10,1; 12,95]	13,35 (6,41)/[11,6; 15,1]

Nota: IC = intervalo de confiança

Nos grupos experimentais o tipo de autoestima não apresentou diferença significativa no estado afetivo, $V = 0,28$, $F(6, 66) = 1,80$, $p = 0,11$, $\eta^2_p = 0,141$. Este resultado indica que o maior desconforto frente a ameaças, em indivíduos com alta autoestima defensiva, apontado na literatura (Jordan et al., 2008), e hipotetizado neste trabalho (H2a), não foi corroborado. Conforme Tabela 2, na dimensão afeto pessoal positivo, a maior média foi dos participantes com alta autoestima segura, seguidos pelos participantes com alta autoestima defensiva, e participantes com autoestima moderada congruente. Na dimensão desconforto psicológico global, a maior média foi encontrada nos participantes com alta autoestima defensiva,

seguidos pelos participantes com autoestima moderada congruente, e participantes com alta autoestima segura. Na dimensão afeto negativo autodirecionado, a maior média foi encontrada nos participantes com autoestima moderada congruente, seguidos pelos participantes com alta autoestima segura, e participantes com alta autoestima defensiva.

Tabela 2. Média de estado afetivo, nas três dimensões, a depender do tipo de autoestima, nos grupos experimentais brasileiros e estudantes.

	Autoestima segura	Autoestima moderada	Autoestima defensiva
Estado afetivo	M (DP)	M (DP)	M (DP)
Afeto pessoal positivo	26,25 (6,24)	22,67 (5,49)	24,38 (6,03)
Desconforto psicológico global	8,58 (3,75)	10,42 (3,23)	10,62 (3,86)
Afeto negativo autodirecionado	11 (5,32)	12,42 (5,90)	8,92 (5,54)

A diferença na autoestima implícita foi feita diminuindo o escore do pós-teste pelo do pré-teste. Assim, quanto maior o valor da diferença maior o aumento da autoestima implícita no pós teste e quanto menor o valor, maior a diminuição no pós-teste. Não foi encontrada diferença significativa na diferença da autoestima implícita no pré e pós-teste a depender da condição experimental, $F < 1$. Os participantes, em média, apresentaram essa diferença negativa ($M = -0,166$, $DP = 0,31$) e em todos os grupos as diferenças foram negativas, indicando uma diminuição na autoestima implícita no pós-teste, independente da condição. Assim, não foi possível identificar o processo de defesa espontâneo frente a ameaças (Rudman, Dohn & Fairchild, 2007), compensação da autoestima implícita, como hipotetizado (H3).

Nos grupos experimentais, a autoestima explícita do pré-teste ($M = 2,87$, $DP = 0,67$) e do pós-teste ($M = 2,86$, $DP = 0,69$) apresentaram correlação significativa, $r = 0,935$, $p < 0,001$, e não apresentaram diferença significativa, $t(86) = 0,522$, $p > 0,05$, $r = 0,056$. Já a autoestima implícita do pré-teste ($M = 2,59$, $DP = 0,43$) e do pós-teste ($M = 2,43$, $DP = 0,39$), apresentaram correlação significativa, $r = 0,708$, $p < 0,001$, e apresentaram diferença significativa, $t(86) = 4,686$, $p < 0,001$, $r = 0,45$. Observa-se que a autoestima implícita no pós-teste foi, em média, menor que no pré teste. Essa diferença não foi significativa a depender do tipo de autoestima, $F < 1$. Este resultado indica que a tendência de indivíduos com alta autoestima defensiva a engajar-se em estratégias de autoenaltecimento frente a ameaças por meio de viés em relação ao endogrupo (Jordan et al., 2008) – viés este que é o foco investigativo deste trabalho tendo em vista as implicações da identidade social em processos de manutenção da consistência cognitiva como explorado na introdução – não foi identificado, sendo, portanto mais uma hipótese não corroborada (H3a). A menor diferença foi para os participantes com autoestima moderada congruente, seguida pelos participantes com alta autoestima defensiva e a maior diminuição na autoestima implícita no pós teste foi dos participantes com alta autoestima segura, como apresentado na Tabela 3.

Tabela 3. Diferença da autoestima implícita a depender do tipo de autoestima nos grupos experimentais brasileiros e estudantes.

Tipo de autoestima	M (DP)	95% IC
Autoestima moderada	- 0,143 (0,25)	[- 0,306; 0,019]
Autoestima defensiva	- 0,144 (0,26)	[- 0,305; 0,016]
Autoestima segura	- 0,24 (0,32)	[- 0,446; - 0,036]

Também não foi encontrada diferença significativa na identificação com o grupo para os participantes que responderam à escala antes ($M = 64,95$, $DP = 11,73$) e depois ($M = 66,67$, $DP = 12,19$) da manipulação experimental, $F < 1$, sendo indicativo de que a informação negativa sobre o endogrupo, apresentada nos textos, não violava nenhuma crença pessoal muito importante dos participantes (H4) já que, como anteriormente descrito, quando o comportamento do grupo, utilizado para instauração de inconsistência cognitiva, viola uma crença pessoal importante um processo de redução da dissonância utilizado é a diminuição da identificação com o grupo. (Glasford, Pratto & Dovidio, 2008).

Discussão

Tendo em vista a motivação humana de proteger e aumentar sua autoestima (Vignoles et al., 2006), a tendência a avaliar positivamente grupos dos quais faz parte e sendo a identidade social parte fundamental do autoconceito (Tajfel, 1978), informações negativas sobre grupos dos quais se é membro possui potencial para instauração de inconsistência cognitiva, como explorado já introdução neste trabalho. O caráter defensivo da busca por consistência cognitiva, para evitação de sentimentos aversivos e manutenção da integridade pessoal (Cooper, 2007) indica que, neste caso, a tendência à consistência cognitiva seguiria por processos que não ameaçassem a autoavaliação e a relação com o grupo: a distorção de informações (Cooper, 2007b) e o engajamento em estratégias de enaltecimento (Vignoles et al., 2006). Assim, o trabalho teve por objetivo testar o efeito de ameaça à avaliação positiva do grupo na autoestima e na identificação com o grupo. Como descrito a seguir, não foi possível identificar nenhum processo de resolução da inconsistência cognitiva proveniente da incongruência entre as informações negativas apresentadas aos participantes e a típica tendência humana de avaliar positivamente o endogrupo.

Nenhuma das hipóteses propostas foi corroborada. A distorção de informação negativa (H1) enquanto processo de defesa para manutenção da consistência cognitiva (Cooper, 2007b), não foi identificada; A informação negativa, ameaça à manutenção da avaliação positiva do grupo, mesmo não tendo sido distorcida pelos participantes, não teve implicação significativa no estado afetivo (H2); Também, não foi possível identificar o processo de autoenaltecimento espontâneo frente a ameaças (Rudman, Dohn & Fairchild, 2007), compensação da autoestima implícita (H3); Os participantes com alta autoestima defensiva não apresentaram as características diferenciadas, frente a ameaças, apontadas na literatura (Jordan et al., 2008): maior desconforto e tendência a engajar-se mais em estratégia de

autoenaltecimento, que indivíduos com alta autoestima segura (H2a e H3a). Além disso, embora tenham, em média, identificado a informação sobre o grupo como negativa, o que é inconsistente com a tendência em manter uma avaliação positiva do grupo, com implicações consequenciais para visão de si, tendo em vista que a identidade social é central e indissociável do autoconceito (Tajfel, 1978), os participantes não apresentaram uma identificação com o grupo menor após passarem pela manipulação experimental, que os participantes que responderam a respeito de sua identificação antes da manipulação experimental (H4), indicando que a informação negativa parece não ser contrária a crença muito importante para os participantes (Glasford, Pratto & Dovidio, 2008).

Não foi possível, portanto, observar nenhum processo de resolução da inconsistência, nem por meio de autoenaltecimento, nem por meio da distorção das informações. Uma possibilidade explicativa desses resultados é a possível não adequabilidade dos instrumentos para aferição do efeito. A única medida indireta utilizada foi para mensuração da autoestima e a teoria unificada de cognição social implícita proposta por Greenwald et al. (2002) se refere a processos automáticos. Apesar de ainda existir pouca evidência acumulada a este respeito conhecimentos auto relevantes e ameaças tendem a ser processadas automaticamente (Fiske & Taylor, 2013c) e há evidências de que quando os sujeitos não tem habilidade de controlar suas respostas, como em respostas a medidas indiretas, a relação entre favoritismo em relação ao endogrupo e aumento da autoestima é mais prontamente observada (Smurda, 2006). Assim, é possível que a relação entre as variáveis estudadas não tenha sido identificada em decorrência da não utilização do melhor método para aferição desses efeitos. A utilização de medidas indiretas, como o teste de associação implícita, pode, portanto, evidenciar efeitos não captados pelos instrumentos utilizados nesta pesquisa já que elas minimizam as implicações do gerenciamento de impressão e do auto engano, havendo necessidade, no entanto, de cuidados com a qualidade psicométrica dessas medidas (Zeigler-Hill & Jordan, 2010).

Outra possibilidade é que apesar de identificar as informações como negativas, sendo, portanto, informações com potencial para gerar inconsistência cognitiva com a avaliação positiva de grupos dos quais se é membro, por serem informações relacionadas a comportamentos muito comuns, os processos relacionados à resolução da inconsistência já ocorreram em outro momento da vida dos participantes. Na questão em que os participantes eram indagados sobre características do grupo que se relacionavam à protagonização do grupo na notícia, no grupo brasileiros, 73,08% das respostas apontavam características negativas, como desonestidade, egoísmo e hipocrisia. No entanto, em 71,59% das respostas os participantes também apontaram características dúbias quanto à valência negativa como malandragem, esperteza, jeitinho brasileiro e aproveitador. Em estudo com 171 participantes Fischer, Ferreira, Milfont e Pilati (2014) identificaram que brasileiros com maior identificação com o país eram mais propensos a endossar cenários de corrupção, particularmente quando expostos a *priming* de Malandro devido à ativação de símbolos nacionais positivos e conotações moralmente ambíguas. Os autores apontam para a necessidade de estudos intraculturais de investigação da variabilidade dos processos psicológicos associados a este efeito. No caso da presente pesquisa, essa necessidade de compreensão de processos intraculturais se dá porque o aumento da compreensão a respeito das relações sistemáticas entre os vários processos sociais e a dissonância podem gerar previsões até então negligenciadas (McKimmie, 2015), como apontado na introdução.

Ainda, embora a média de identificação com o endogrupo dos participantes do grupo estudantes ($M = 67,29$, $DP = 9,92$) tenha sido maior que a média de identificação dos participantes do grupo brasileiros ($M = 64,42$, $DP = 13,49$), uma variável não controlada na pesquisa se refere à entitatividade. Uma vez que julgamentos que levam em consideração a unidade coerente do grupo (entitatividade) influenciam o processamento de informação sobre o grupo em um nível implícito (Baron, Byrne & Watson, 2005b), outras variáveis

relacionadas a aspectos dos grupos estudados, para além da identificação com o grupo, podem ter influenciado nos resultados encontrados.

Os resultados obtidos, contrários ao que é postulado pelas teorias sobre consistência cognitiva, indicam que é possível que variáveis intraculturais estejam influenciando esses processos. As normas sociais tem papel importante para a consistência do grupo e para a visão da dissonância enquanto fenômeno relacionado à identidade social (Robertson, 2006). Robertson e Reicher (1997) apontam que normas podem reduzir dissonância quando elas validam o comportamento contra atitudinal ou quando sugerem que a inconsistência entre atitude e comportamento é normativa. Tendo isso em vista, é possível que a inconsistência entre atitude (avaliação positiva do grupo) e comportamento (engajamento em comportamentos negativos pelos membros do grupo, como indicado nos cenários propostos na manipulação experimental) seja uma norma cultural. Por serem comuns, as pessoas podem já ter resolvido essa inconsistência a mantendo, e não sentem mais desconforto por isso. O problema é que as possibilidades de mudança de atitude, decorrente da resolução das inconsistências (Fiske & Taylor, 2013), se são contrárias a uma norma do grupo, tendem a ser inibidas (McKimmie, 2015). Normas culturais tendem a ser resistentes à mudança fazendo-se necessário compreender ou decifrar a cultura no intuito de decodificar motivos encobertos que explicam comportamentos individuais e coletivos tidos como naturais (Silva, Zanelli & Tolfo, 2013). A não identificação dos efeitos desencadeados pela inconsistência cognitiva pode impossibilitar o desenvolvimento de estratégias que visem a mudança dessas inconsistências normativas. Por isso, futuras pesquisas que utilizem instrumentos mais adequados para aferição do efeito e investiguem outras variáveis intervenientes sobre a relação de comportamentos negativos do grupo, mas comuns, como a possibilidade de a inconsistência entre atitude e comportamento em relação ao grupo ser uma norma, são necessárias.

Referências

- Bargh, J. A. (1989). Conditional automaticity: Varieties of automatic influence in social perception and cognition. Em J. S. Uleman & J.A. Bargh (Eds.), *Unintended thought* (pp. 3–51). New York: Guilford press.
- Bargh, J. A. (1994). The four horsemen of automaticity: Awareness, intention, efficiency and control in social cognition. Em R. S. Wyer, Jr. & T. K. Srull (Eds.), *Handbook of social cognition* (Vol. 1: Basic Processes; pp. 153 – 208). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Baron, R. A., Byrne, D., & Watson, G. W. (2005). Attitudes: Evaluating the social world. Em: Baron, R. A., Byrne, D., & Watson, G. W. (2005). *Exploring Social Psychology* (pp. 81 – 116). Toronto: Pearson.
- Baron, R. A., Byrne, D., & Watson, G. W. (2005b). Groups and individuals: the consequences of belonging. Em: Baron, R. A., Byrne, D., & Watson, G. W. (2005). *Exploring Social Psychology* (pp. 326 – 363). Toronto: Pearson.
- Baumeister, R. F. (2010). Social psychologists and thinking about people. Em R. F. Baumeister & E.J. Finkel (Eds.) *Advanced social psychology: The state of the science* (pp. 5 – 24). New York: Oxford University Press.
- Boucher, H. C. (2011). Self-knowledge defenses to self-threats. *Journal of Research in Personality*, 45(2), 165–174. <http://doi.org/10.1016/j.jrp.2010.12.006>
- Carlston, D. (2010). Social Cognition. Em R. F. Baumeister & E.J. Finkel (Eds.) *Advanced social psychology: The state of the science* (pp. 61 – 99). New York: Oxford University Press.
- Clémence, A. (1994). Protecting one's identity or changing one's mind? The social context of cognitive dissonance generation and reduction. *Swiss Journal of Psychology*, 53(4), 202–209.
- Cooper, J. M. (2007). Dissonance is not what it used to be: The new look modelo f dissonance. Cooper, J. M. (2007). *Cognitive Dissonance: 50 years of a classic theory*. SAGE.
- Cooper, J. M. (2007b). The self-standards model and the emergence of the self in dissonance theory. Cooper, J. M. (2007). *Cognitive Dissonance: 50 years of a classic theory*. SAGE.
- Cooper, J. M. (2007c). Cognitive dissonance: In the beginning. Cooper, J. M. (2007). *Cognitive Dissonance: 50 years of a classic theory*. SAGE.
- Festinger, L. (1957). *A Theory of Cognitive Dissonance*. Evanston, IL: Row, Petterson.
- Fischer, R., Ferreira, M. C., Milfont, T., & Pilati, R. (2014). Culture of Corruption? The Effects of Priming Corruption Images in a High Corruption Context. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 45(10), 1594–1605. <http://doi.org/10.1177/0022022114548874>

- Fiske, S. T., & Taylor, S. E. (2013). Cognitive structures of attitudes. Em: Fiske, S. T., & Taylor, S. E. (2013). *Social Cognition: from brains to culture* (pp. 232 – 256). SAGE.
- Fiske, S. T., & Taylor, S. E. (2013b). Dual modes in social cognition. Em: Fiske, S. T., & Taylor, S. E. (2013). *Social Cognition: from brains to culture* (pp. 31 – 58). SAGE.
- Frijda, N. H. (1988). The laws of emotion. *American Psychologist*, 43, 349–358.
- Gawronski, B., & Strack, F. (2012). Cognitive Consistency as a Basic Principle of Social Information Processing. *Cognitive Consistency: A Fundamental Principle in Social Cognition*, 1–16. Retrieved from http://www.guilford.com/cgi-bin/cartscript.cgi?page=pr/gawronski2.htm&dir=pp/sapp&cart_id=96178.28544
- Glasford, D. E., Dovidio, J. F., & Pratto, F. (2009). I continue to feel so good about us: in-group identification and the use of social identity--enhancing strategies to reduce intragroup dissonance. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 35(4), 415–427. <http://doi.org/10.1177/0146167208329216>
- Greenwald, A. G., & Banaji, M. R. (1995). Implicit social cognition: attitudes, self-esteem, and stereotypes. *Psychological Review*, 102(1), 4–27. <http://doi.org/10.1037/0033-295X.102.1.4>
- Greenwald, A. G., Banaji, M. R., & Nosek, B. A. (2003). Understanding and using the implicit association test: I. An improved scoring algorithm. *Journal of Personality and Social Psychology*, 85(2), 197–216. <http://doi.org/10.1037/0022-3514.85.2.197>
- Greenwald, A. G., & Farnham, S. D. (2000). Using the Implicit Association Test to measure self-esteem and self-concept. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79(6), 1022–1038. <http://doi.org/10.1037//0022-3514.79.6.I022>
- Greenwald, A. G., & Ronis, D. L. (1978). Twenty years of cognitive dissonance: Case study of the evolution of a theory. *Psychological Review*, 85, 53–57.
- Greenwald, A. G., Rudman, L. A., Farnham, S. D., Nosek, B. A., & Mellott, D. S. (2002). A unified theory of implicit attitudes, stereotypes, self-esteem, and self-concept. *Psychological Review*, 109(1), 3–25. <http://doi.org/10.1037//0033-295X.109.1.3>
- Heider, F. (1958). *The psychology of interpersonal relations*. New York: Wiley.
- Jordan, C. H., Spencer, S. J., Zanna, M. P., Hoshino-Browne, E., & Correll, J. (2003). Secure and defensive high self-esteem. *Journal of Personality and Social Psychology*, 85(5), 969–978. <http://doi.org/10.1037/0022-3514.85.5.969>
- Kernis, M. H., Lakey, C. E., & Heppner, W. L. (2008). Secure versus fragile high self-esteem as a predictor of verbal defensiveness: Converging findings across three different markers. *Journal of Personality*, 76, 477-512.

- Leach, C. W., van Zomeren, M., Zebel, S., Vliek, M. L. W., Pennekamp, S. F., Doosje, B., Woukerkerk, J. W., & Spears, R. (2008). Group-level self-definition and self-investment: a hierarchical (multicomponent) model of in-group identification. *Journal of Personality and Social Psychology*, *95*(1), 144–165. <http://doi.org/10.1037/0022-3514.95.1.144>
- Maio, G. R., & Haddock, G. (2010). The influence of attitudes on information processing and behavior. Em: Maio, G. R., & Haddock, G. (2010). *The psychology of attitudes and attitude change*. (pp. 47 – 66). London: SAGE Publications Ltd. doi: <http://dx.doi.org/10.4135/9781446214299>
- Mckimmie, B. M. (2015). Cognitive Dissonance in Groups. *Social and personality Psychology Compass*, *4*, 202–212. doi: 10.1111/spc3.12167
- Norton, M. I., Monin, B., Cooper, J., & Hogg, M. a. (2003). Vicarious dissonance: attitude change from the inconsistency of others. *Journal of Personality and Social Psychology*, *85*(1), 47–62. <http://doi.org/10.1037/0022-3514.85.1.47>
- Oliveira, N. R., Janczura, G. a, & Castilho, G. M. (2013). Normas de alerta e valência para 908 palavras da língua Portuguesa [Norms of arousal and valence for 908 Portuguese words]. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, *29*, 185–200. <http://doi.org/10.1590/S0102-37722013000200008>
- Petty, R. E., Briñol, P., & Johnson, I. (2012). Implicit ambivalence. Em: Gawronski, B., & Strack, F. (2012). *Cognitive consistency: A fundamental principle in social cognition* (pp. 178-201). New York: Guilfor Press.
- Rudman, L. A., Dohn, M. C., & Fairchild, K. (2007). Implicit self-esteem compensation: automatic threat defense. *Journal of Personality and Social Psychology*, *93*(5), 798–813. <http://doi.org/10.1037/0022-3514.93.5.798>
- Schnabel, K., & Asendorpf, J. B. (2010). The self-concept: *new insights from implicit measurement procedures*. Em: Gawronski, B. & Payne, B. K. (2010). *Handbook of Implicit Social Cognition Measurement, Theory and Applications* (pp. 392 – 407). New York: The Guilford Press.
- Silva, N., Zanelli, J. C., & Tolfo, S. R. (2013). Diagnóstico e gestão da cultura nas organizações. Em: Borges, L. O., & Mourão, L. (2013). *O trabalho e as organizações: Atuações a partir da psicologia* (pp. 225 - 252). São Paulo: Artmed.
- Smurda, J. D. (2006). Effects of Threat to a Valued Social Identity on Implicit Self-Esteem and Discrimination. *Group Processes & Intergroup Relations*, *9*(2), 181–197. <http://doi.org/10.1177/1368430206062076>
- Stets, J. E., & Burke, P. J. (2013). Identity Theory and Social Identity Theory. *Social Psychology Quarterly*, *63*(3), 224–237.
- Vignoles, V. L., Regalia, C., Manzi, C., Gollledge, J., & Scabini, E. (2006). Beyond self-esteem: influence of multiple motives on identity construction. *Journal of Personality and Social Psychology*, *90*(2), 308–333. <http://doi.org/10.1037/0022-3514.90.2.308>

Tajfel, H. (Ed.). (1978). *Differentiation between social groups: Studies in the social psychology of intergroup relations*. London: Academic Press.

Zeigler-Hill, V., & Jordan, C. H. (2010). Two Faces of Self-Esteem: Implicit and Explicit Forms of Self Esteem. Em: Gawronski, B. & Payne, B. K. (2010). *Handbook of Implicit Social Cognition Measurement, Theory and Applications* (pp. 392 – 407). New York: The Guilford Press.

Apêndice A

Itens da Escala de Autoestima (medida em Escala Likert de 0 a 3, variando de Concordo Completamente a Discordo Completamente)

Sinto que sou uma pessoa digna, pelo menos tanto quanto as outras.

Estou convencido (a) de que tenho qualidades.

Em geral, tendo a pensar que sou um (a) fracassado (a).

Sou capaz de fazer coisas tão bem quanto a maioria das pessoas.

Sinto que não tenho muito do que me orgulhar.

Tenho uma atitude positiva a meu respeito.

No geral, estou satisfeito (a) comigo mesmo (a).

Eu gostaria de sentir mais respeito por mim mesmo (a).

Algumas vezes penso que realmente sou inútil.

Muitas vezes penso que sou uma boa pessoa.

Apêndice B

Estímulos utilizados para as categorias alvo do TAI de autoestima

Eu	Não Eu
Eu	Alheio
Mim	Eles
Meu	Deles
Minha	Outros
Comigo	Seu
Me	Tu
Próprio	Lhe

Estímulos utilizados para as categorias atributo do TAI de autoestima

Positivo	Negativo
Liberdade	Miséria
Diversão	Veneno
Felicidade	Tragédia
Vitória	Morte
Paz	Pobreza
Delícia	Tumor
Vida	Doença
Férias	Câncer

Apêndice C

Itens da Escala de Identificação com o grupo “Brasileiros” (medida em Escala Likert de 1 a 7, variando de Discordo Completamente a Concordo Completamente)

Sou feliz por ser brasileiro.
 É agradável ser brasileiro.
 Sinto-me ligado aos brasileiros.
 Os brasileiros são muito parecidos uns aos outros.
 Eu acho que os brasileiros têm muito do que se orgulhar.
 O fato de ser brasileiro é uma parte importante de como eu me vejo.
 Eu tenho muito em comum com um típico brasileiro.
 Sinto-me comprometido com os brasileiros.
 Ser brasileiro me dá uma sensação boa.
 Eu frequentemente penso sobre o fato de ser brasileiro.
 Sou parecido com um típico brasileiro.
 Os brasileiros têm muito em comum uns com os outros.
 O fato de ser brasileiro é uma parte importante de minha identidade.
 Sinto-me solidário com os brasileiros.

Itens da Escala de Identificação com o grupo “Estudantes universitários” (medida em Escala Likert de 1 a 7, variando de Discordo Completamente a Concordo Completamente)

Sou feliz por ser estudante universitário.
 É agradável ser estudante universitário.
 Sinto-me ligado aos estudantes universitários.
 Os estudantes universitários são muito parecidos uns aos outros.
 Eu acho que os estudantes universitários têm muito do que se orgulhar.
 O fato de ser estudante universitário é uma parte importante de como eu me vejo.
 Eu tenho muito em comum com um típico estudante universitário.
 Sinto-me comprometido com os estudantes universitários.
 Ser estudante universitário me dá uma sensação boa.
 Eu frequentemente penso sobre o fato de ser estudante universitário.
 Sou parecido com um típico estudante universitário.
 Os estudantes universitários têm muito em comum uns com os outros.
 O fato de ser estudante universitário é uma parte importante de minha identidade.
 Sinto-me solidário com os estudantes universitários.

Apêndice D

Itens da Escala de Estado Afetivo (medida em Escala Likert de 1 a 7, variando de Nem um pouco a Extremamente)

Afeto Pessoal Positivo	Desconforto Psicológico Global	Afeto Negativo Auto Direcionado
Energizado	Inquieto	Nervoso comigo mesmo
Amigável	Entediado	Irritado comigo mesmo
Bem	Desconfortável	Insatisfeito comigo mesmo
Otimista		Aborrecido comigo mesmo
Feliz		

Apêndice E

Notícia e questões: Brasileiros

Segundo estudo da Universidade Yale, 80% dos brasileiros comete algum tipo de corrupção, liderando o ranking comparativo com outros países.

De acordo com os resultados da pesquisa, encomendada pela ONU, os brasileiros são os que mais se envolvem em comportamentos corruptos no mundo. Foram analisados diversos comportamentos, desde furar fila, não devolver troco, colar em avaliações, pequenos furtos, aproveitamento de posição social para favorecer parentes, etc. Especialistas elencam como algumas das principais causas a cultura e as normas sociais vigentes no país. Após a divulgação da pesquisa, em 15/04/2015, aumentou a frequência, em redes sociais, de postagens comparando a crise de corrupção política do país com estes atos corruptos corriqueiros da população.

Fonte: BBC News

1 - Escreva 5 características (e/ou adjetivos) dos brasileiros que estejam relacionadas ao resultado da pesquisa, indicado na notícia.

2 - Nesta atividade você deve cumprir o objetivo a seguir proposto, independente de sua opinião a respeito. Lembre-se de uma situação em que você presenciou a ocorrência de um desses atos corruptos corriqueiros dos brasileiros, ou alguma história que um familiar ou amigo lhe contou, que contenha esses atos, ou que você tenha visto sobre divulgado em algum lugar. Escreva um parágrafo curto sobre a situação, com o objetivo de alertar turistas sobre os possíveis riscos que eles podem correr ao vir para o Brasil devido à característica predominante nos brasileiros, indicada na notícia, de envolvimento em algum tipo de corrupção. Caso nunca tenha visto, ouvido falar ou lido antes sobre, comente sobre a notícia que acabou de ler para justificar o alerta.

Apêndice F

Notícia e questões: Estudantes universitários

Governo Federal ameaça diminuir repasse de verbas à Universidade de Brasília devido a comportamentos impróprios dos universitários.

A Universidade de Brasília conta com o prestígio de ser uma das melhores universidades do país. Contudo, problemas envolvendo o comportamento dos estudantes universitários têm chamado a atenção do Governo Federal. O governo ameaça diminuir o repasse caso alguma intervenção, que vise a adequação dos universitários às normas, não seja efetivada. Os comportamentos dos universitários tidos como impróprios, com base no regulamento da UnB, incluem: mal uso de patrimônio (mesas, cadeiras, quadros, banheiros, etc); realização de festas não aprovadas pela instituição que atraem não estudantes incorrendo em danos ao patrimônio e riscos aos estudantes; ausência de empenho satisfatório nos estudos o que tem feito as notas de avaliação de diversos cursos diminuir, resultando em queda da UnB no ranking nacional e internacional.

Fonte: Correio Braziliense

1 - Escreva 5 características (e/ou adjetivos) dos estudantes universitários que estejam relacionadas aos problemas indicados na notícia.

2 - Nesta atividade você deve cumprir o objetivo a seguir proposto, independente de sua opinião a respeito. Lembre-se de uma situação em que você presenciou, ou um colega lhe contou, ou você viu divulgado em algum lugar, ao menos um dos comportamentos impróprios dos estudantes da UnB comentados na notícia lida. Escreva um parágrafo curto sobre a situação, com o objetivo de alertar estudantes de universidades no exterior, que planejam fazer intercâmbio no Brasil, sobre os possíveis problemas de convivência que podem surgir devido aos problemas de conduta dos estudantes da UnB, além da possibilidade de encontrarem a universidade sucateada devido à diminuição do repasse de verba governamental em decorrência desses problemas de conduta. Caso nunca tenha visto, ouvido falar ou lido antes sobre, comente sobre a notícia que acabou de ler para justificar o alerta.

Apêndice G

Notícia: Controle

Nova espécie de peixe é descoberta por pesquisadores em Mambaí, GO

Uma nova espécie de peixe foi descoberta na Gruta da Tarimba, em Mambaí, a 500 km de Goiânia. De acordo com uma das responsáveis pela pesquisa, a professora doutora Maria Elina Bichuette, da Universidade Federal de São Carlos (Ufscar), em São Paulo, o peixe é troglóbio, ou seja, vive exclusivamente em ambientes subterrâneos e só é encontrado naquele local. “A espécie é endêmica e vive apenas nesta gruta. Foram anos de trabalho para que pudéssemos, de fato, comprovar que se trata de um animal raro e que já está ameaçado de extinção”, explicou em entrevista ao G1. Segundo a pesquisadora, os primeiros animais foram descobertos em 2004, porém, os estudos só foram concentrados, de fato, entre os anos de 2012 e 2013. Em dezembro do ano passado, o peixe foi oficialmente descrito em um artigo na revista da Sociedade Brasileira de Zoologia.

Fonte: G1